NATALIA CZOPEK
Université Jagellonne de Cracovie

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS SOBRE O SUAÍLI

A história de uma língua constitui um longo e interminável processo no qual a língua se transforma encarando as mais variadas circunstâncias linguísticas, históricas, sociológicas e políticas. É pela linguagem que os seres humanos contactam entre si, tem a possibilidade de conhecer o mundo que o rodeia e de penetrar nos mundos das realidades invisíveis : o dos seus sentimentos, pensamentos e da imaginação.

A palavra *suaíli*, ou originariamente *kiswahili*, relaciona-se etimologicamente com o termo árabe *sawāhil*, o plural da palavra *sāhel* 'fronteira' ou 'litoral' – uma região costeira que presenciou a afluência de viajantes árabes[1]. Uma das línguas bantas de maior alcance comunicacional, é falada por oitenta milhões de pessoas no mundo, incluindo Uganda, a República Democrática do Congo, as áreas urbanas do Burundi e de Ruanda, o sul da Somália até ao norte de Moçambique, (ao longo do litoral de África Oriental), a Zâmbia e o sul da Etiópia, além dos países que a têm como língua oficial ou nacional, isto é, o Quénia e a Tanzânia. Existem também algumas comunidades de falantes de suaíli em Madagáscar e nas ilhas Comores[2]. Na

---

1 Cf. Ibn Battuta, *Osobliwości miast i dziwy podróży*, [in :] R. Ohly et al., *Język suahili*, Warszawa 1998, p. 5.

2 N. Pawlak, *Języki afrykańskie*, Warszawa 2010, p. 36.

maior parte dos países mencionados, o suaíli desempenha a função de língua veicular ou a chamada *language for special purpose*[3]. Como resultado do contacto dos povos dessa área com comerciantes e navegadores de língua árabe durante alguns séculos, o suaíli tem cerca de um quarto das palavras originadas do árabe. Outras influências foram por exemplo a língua persa, alemão, inglês e idiomas da Índia. O suaíli foi escrito com caracteres árabes até 1885, quando a escrita árabe foi substituída pelo alfabeto latino, através de missionários cristãos e de administradores coloniais. A escrita suaíli com caracteres árabes faz parte das tradições literárias mais antigas da língua árabe. Como provas desta situação linguística excepcional, podemos mencionar aqui um dos mais antigos documentos em suaíli, o poema épico *Utendi wa Tambuka* („A História de Tambuka") de 1728 ou dois manuscritos analisados por Rzewuski[4] : *Antigos eventos relacionados com a tribo Shirazi* (uma crónica dos sultãos de Tungi) e *Documento genealógico dos povos Matungi* (onde se descreve a anexação portuguesa e o fim do sultanato). Na África Oriental, a escrita árabe continuou a ser especialmente apreciada no sultanato de Zanzibar[5].

As influências da língua portuguesa sobre o suaíli estão, obviamente, relacionadas com a história da costa oriental africana e começaram precisamente na altura dos primeiros contactos com a costa e as ilhas onde se falava o suaíli, isto é, na altura da viagem de Vasco da Gama a Moçambique, em Março de 1498, logo a Mombaça, a 7 de Abril, e a seguir a Melinde. Os portugueses depararam com um comércio muito bem desenvolvido entre os portos da África Oriental, os países árabes e a Índia ; com uma população árabe rica e com navios carregados de ouro, prata, pérolas, gengibre, pimenta e cravo[6]. Aí surgiram reacções hostis à presença portuguesa, tendo tais

---

[3] R. Ohly et al., *op. cit.*, p. 5.

[4] E. Rzewuski, *Origins of the Tungi sultanate (Northern Mozambique) in the light of local traditions*, [on-line], http ://www.orient.uw.edu.pl/webkjika/images/stories/Testimonies/19_ rzewuski.pdf

[5] *Języki Azji i Afryki w komunikacji międzykulturowej*, red. N. Pawlak, Warszawa 2008, p. 78.

[6] M. Małowist, *Konkwistadorzy portugalscy*, Warszawa 1976, p. 197.

manifestações assinalado o momento em que as autoridades locais se aperceberam que estavam perante cristãos e tendo resultado em várias lutas contra os muçulmanos[7]. Surpreendentemente, na sua viagem de volta, em 1499, Vasco da Gama conseguiu estabelecer relações amigáveis com os governantes de Zanzibar. No entanto, a chegada de Vasco da Gama marcou o início da dominação portuguesa e do enfraquecimento da civilização suaíli, paradoxalmente superior à portuguesa em muitos aspectos[8].

Em 1500, Cabral chegou a Quíloa, forçando os governantes a estabelecerem contactos comerciais com Portugal e violando, ao mesmo tempo, todas as regras dos acordos em voga, o que originou mais conflitos com os muçulmanos[9]. Na segunda viagem, em 1502, com uma frota de vinte navios, Vasco da Gama atacou os navios muçulmanos, estabeleceu pontos de apoio na costa e começou a avassalar as terras por onde passou : submeteu o rei de Quíloa, na Tanzânia, a quem tornou tributário de Portugal. Em 1505, D. Francisco de Almeida, depois de ter atacado as cidades de Quíloa e Mombaça, iniciou aí a construção da primeira fortaleza portuguesa de pedra e cal na África Oriental, abandonada já em 1512. Em 1590, o vice-rei Matias de Albuquerque mandou construir em Mombaça, depois de ter sido várias vezes atacada, uma fortaleza para impedir ataques dos muçulmanos aos portugueses e aos outros comerciantes. Esta foi conquistada pelos árabes em 1698, tendo sido temporariamente retomada em 1728 para ser abandonada definitivamente em 1729[10].

As disputas entre portugueses e árabes pelo controlo do comércio costeiro, entre finais do século XVI e ao longo do século XVII, eram quase permanentes, com os primeiros a pretenderem afastar os segundos do comércio do ouro e do marfim, sobretudo na região do vale do Zambeze. A acção portuguesa foi detida, parcialmente,

---

7 J.M. Garcia, *Breve história dos descobrimentos e expansão de Portugal*, Lisboa 1999, p. 60.

8 A.E. Benítez Fleites, J.F. Moreno García, *Los pueblos de África*, Madrid 2006, pp. 157-160.

9 M. Małowist, *op. cit.*, p. 212.

10 J.M. Garcia, *op.cit.*, p. 157.

pela interferência turca, que acabou apenas com falsas promessas de ajuda aos suaílis, e pelos omanenses que, em 1562, começaram a controlar o Índico. Estes conflitos estiveram na origem da ruptura do comércio que conduziu ao declínio de Quíloa e Sofala, onde em 1505 Pedro de Anhaya fundou uma fortaleza[11].

As crónicas portuguesas do século XVII estão cheias de informações sobre as rebeliões nas cidades suaílis que pagavam tributos aos governadores portugueses. Em 1635, as possessões portuguesas da Costa Oriental eram divididas em duas secções : a de Mombaça (para o Norte de Cabo Delgado até Zanzibar e ilhas adjacentes) e a de Moçambique, Sofala, Rios de Cuama, estabelecimentos de Inhambane e Lourenço Marques. A presença portuguesa em Mombaça durou pouco mais de 160 anos, até 1698 ; em Zanzibar, Pemba, Lamo, Brava, etc. não ultrapassou 225 anos (1503-1728)[12]. Mais a norte, o núcleo maconde fixou-se na região setentrional moçambicana do planalto de Mueda, de onde se estabeleceram relações com as comunidades islamizadas da costa, recebendo pólvora e armas de fogo em troca de marfim, goma copal e borracha, tendo-se também dedicado ao comércio de escravos. A influência portuguesa reduziu-se naquela altura a alguns empréstimos na língua suaíli e à introdução do cultivo de algumas plantas novas[13]. Os suaílis viram nos omanenses os seus salvadores do jugo português mas já em 1728 pediram ajuda aos portugueses contra os omanenses que tinham introduzido os seus métodos cruéis de governar.

No século XIX, em 1834, a presença portuguesa na costa oriental da África era mais precária do que, por exemplo, em Angola. O território português abrangia a zona entre a baía de Lourenço Marques e a baía de Tungue, junto ao Cabo Delgado e uma extensa faixa entre Quelimane e Tete, ao longo de todo o vale do Zambeze. Eram vastas áreas ligadas pelas rotas de comércio às regiões distantes da África Central. No Índico, os veleiros suaílis mantinham-se ao serviço da

---

[11] M. Małowist, *op. cit.*, p. 239.

[12] A. Prata Pires, *op. cit.*, p. 25.

[13] A.E. Benítez Fleites, J.F. Moreno García, *op. cit.*, p. 159.

coroa, garantindo o tráfego português naquele oceano controlado por comerciantes de origem indiana. No entanto, as relações com os portugueses deterioravam-se à medida que a vigilância inglesa se intensificava. O comércio clandestino intensificou-se nas zonas costeiras do norte de Moçambique, onde actuavam as oligarquias suaíli-macuas que ora fomentavam conflitos, ora estabeleciam alianças com outros potentados do interior. Só depois de uma guerra contra o potentado suaíli, que foi movida por um afro-português João Bonifácio da Silva, durou mais de uma década e terminou em 1861, notaram-se as primeiras tentativas de ocupação real portuguesa e de introdução do monopólio português no tráfico de escravos[14].

Vale a pena mencionarmos aqui também o sultanato Tungi, o nome histórico de um sultanato que existiu até 1877 em Cabo Delgado e nas costas da Baía Tungi, no norte de Moçambique. O seu centro político situava-se, pelo menos durante um certo tempo nos séculos XVIII-XIX, a uns cinco quilómetros do ponto extremo de Cabo Delgado, perto da actual vila de Quiuia. Hoje em dia, encontram-se ali apenas ruínas do palácio do sultão e três túmulos escondidos na floresta. Era um sultanato muito antigo, governado pela dinastia Shirazi (cujos descendentes ainda hoje fazem parte da elite tradicional de Palma e Quiuia), mas não se sabe ao certo quando é que foi estabelecido. O nome Tungi foi mencionado, provavelmente pela primeira vez nas fontes europeias, num documento português de 1744 e chegou a ser conhecido como o local do último episódio da disputa árabe-portuguesa nas águas do Oceano Índico, ou seja, da disputa pelas fronteiras entre Portugal e Zanzibar no século XIX na qual também tomaram parte a Grã Bretanha e a Alemanha. A disputa acabou em 1877 com a anexação militar do território de Tungi à colónia portuguesa realizada pelo administrador do distrito de Cabo Delgado, José Raimondo de Palma Velho. Actualmente, a região de Tungi é a única parte da costa moçambicana onde se fala suaíli. Além disso, a situação linguística representa um tipo muito raro de *gender diglossia*, isto é,

---

[14] M.M. Lucas, *Organização do Império*, [in :] *História de Portugal*, vol. 5, dir. J. Mattoso, Lisboa 1993-1994, pp. 293-298.

os homens falam suaíli muito próximo do suaíli padrão, enquanto as mulheres falam makwe, uma versão suailizada da língua makonde. Parece que o domínio do suaíli ajuda a manter um alto nível social de „uma pessoa civilizada", o que acontece também do outro lado da fronteira com a Tanzânia, na direcção de Lindi[15].

Na altura das guerras pela independência, como afirmou o prof. Fernando Ganhão[16], a grande maioria dos homens que constituíam os três movimentos que, fundindo-se, criaram a Frelimo, na altura de se reunirem no 1° Congresso em Dar-es-Salaam, não dominavam nem utilizavam a língua portuguesa como meio de comunicação. Sendo aqueles movimentos constituídos por exilados políticos e económicos, usavam na sua maioria o inglês e o suaíli, que eram as línguas em que se tinham formado politicamente e profissionalmente. No entanto, durante os primeiros anos da Frelimo essas línguas surgiam com frequência decrescente na comunicação interna dessa organização, sendo substituídas pelo português. A comunidade de falantes de português alargou-se, tornando-se este, sobretudo nos meios urbanos, um meio primário de comunicação nos domínios públicos[17]. No campo, no entanto, não sendo uma língua indispensável à sobrevivência económica da população rural, o português é usado em contextos muito restritos. Além disso, há mais falantes de português nas faixas etárias com menos de 35 anos, o que pode ser relacionado com a data da independência nacional[18].

Quanto à situação linguística de Moçambique depois da independência, Eugeniusz Rzewuski[19] distingue nove grupos de dialectos em que se subdividem as línguas autóctones de Moçambique, entre as

---

[15] E. Rzewuski, *op. cit.*, pp. 193-194.

[16] P. Vázquez Cuesta, *Observações sobre o português de Moçambique* [in :] *Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas*, red. R. Lorenzo Vázquez, A Coruña 1994, pp. 631-632.

[17] P. Gonçalves, *A formação de variedades africanas do português : argumentos para uma abordagem multidimensional*, [in :] A. Moreira et al., *A Língua Portuguesa : Presente e Futuro*, Lisboa 2005, p. 228.

[18] *Ibidem*.

[19] P. Vázquez Cuesta, *op.cit.*, p. 633.

quais o grupo suaíli formado pelas línguas suaíli e mwani, faladas por aproximadamente 120 mil pessoas na província de Cabo Delgado.

Analisando a influência da língua portuguesa sobre o suaíli, deparamos sobretudo com exemplos de designações de objectos e instrumentos que os africanos desconheciam, ou seja, o vocabulário suaíli recebeu influência portuguesa enquanto a estrutura bantu continua inalterável. Como afirma Pires Prata[20], o vocabulário foi enriquecido maioritariamente com substantivos, pois o autor encontra apenas dois verbos de suposta origem portuguesa e um adjectivo na designação da Baía Formosa, em frente à foz do rio Tana. Esta aquisição de vocábulos estranhos tem, na maioria dos casos, consequências para o sistema todo, originando inovações a nível fonológico, morfológico, sintáctico e semântico. Os lexemas nominais, por exemplo, ficam submetidos às regras de concordância das classes nominais, causando, ao mesmo tempo, certas inovações no sistema nominal. O número reduzido dos empréstimos verbais, por sua vez, pode indicar que o contacto foi mais cultural e não resultou de um bilinguismo mais generalizado. A única excepção é o dialecto kimwani com um número de verbos portugueses assimilados mais elevado que, no entanto, podem ser resultado de influências mais tardias[21]. Citemos alguns exemplos de categorias das palavras portuguesas que, supostamente, na altura dos primeiros contactos tiveram influência no vocabulário suaíli :

- cargos (padre, aia) ; instrumentos náuticos (bóia, amarra) ; armas e instrumentos bélicos (espada, bandeira, pistola) ; objectos de uso doméstico (mesa, copo, caixa, pipa) ; objectos de escritório ou de recreio (cartas, lacre) ; animais domésticos (pata, franga) ; edifícios e lugares (igreja, forte) ; árvores (limoeiro, pereira) ; frutos (pêra, limão) ; ferramentas e objectos mecânicos (roda, parafuso) ; líquidos (vinho) ; jogos (cartas, dados) ; artigos de vestuário (capa, lenço, chapéu) ; produtos e tecidos (âmbar, breu, beirame).

Assim, hoje em dia deparamos no suaíli com vários exemplos supostamente de origem portuguesa, como :

---

[20] A. Prata Pires, *op. cit.*, p. 32.

[21] E. Rzewuski, *op.cit.*, pp. 214-220.

- *almari* (< armário), com a modificação da vibrante típica para muitas línguas africanas e a apócope da vogal final ;
- *bandera* (< bandeira)[22] e *beramo* (< beirame, tecido de algodão vindo da Índia), onde se observa a típica redução do ditongo -ei ;
- *barakinya* (< barquinha), com o *a* epentético para desfazer o grupo consonântico *rk* ;
- *bastola* (< pistola) e *bata* (< pata), onde se observa a sonorização da consoante inicial ;
- *buli* (< bule, chaleira), com a modificação da vogal final ;
- *cha* (< chá), uma palavra não originariamente portuguesa mas introduzida, provavelmente, através do português ;
- *chapa* (< chapa, marca, cunho, impressão)[23] ;
- *chapeo* (< chapéu) ;
- *dado, dadu* (<dado) : *kucheza dadu* (jogar os dados ou com os dados), *machezo ya dadu* (o jogo dos dados) ;
- *dama* (< dama), jogo das damas ;
- *hospitali* (< hospital), também pode provir do inglês *hospital* ;
- *lesso* (< lenço), onde observamos a assimilação fonológica e, por conseguinte, ortográfica das consoantes interiores ;
- *limao* (< limão), com o desaparecimento natural da nasalização do ditongo final ;
- *meza* (< mesa)[24], que demonstra que, muitas vezes, as palavras com o *m-* inicial ficam inalteradas ;
- *mpera* (< pêra ; pereira, goiabeira) ou *mvinyo* (< vinho ; aguardente, álcool), onde se observa a introdução do prefixo *-m* ;

---

22 Vejam-se os exemplos citados em E. Lourenço et al., *Atlas da língua portuguesa na História e no Mundo*, Lisboa 1992, p. 66 : *kutweka bandera* (içar a bandeira), *kushusha bandera* (arrear a bandeira), *mimi bandera, hufuata upepa* (sou como bandeira, sigo o vento, isto é, não tenho vontade própria).

23 Vejam-se os exemplos citados em A. Pires Prata, *op. cit.*, p. 34 : *Akawapiga kila mtu chapa mkononi* (Ele pôs a cada pessoa a chapa ou marca no braço) ; *pipa limeandikwa chapa* (a pipa tem o sinal marcado) ; *pipa chapa kitabu* (imprimir um livro).

24 Observe-se a possível influência persa.

- *serra, serrani* (< serra), fortim construído em pedras, recife de rochedos, levantado como uma muralha ;
- *pipa* (< pipa, barril) ;
- *sapatu* (< sapato) ;
- *shumburere, sumburere* (< sombreiro), uma espécie de chapéu, guarda-sol, guarda-chuva ;
- *tabakelo, tabakero, tabakera* (< tabaqueira), onde se observam a redução do ditongo, a mudança das vogais finais nos dois primeiros casos, e, no primeiro caso, a substituição da vibrante pela lateral ;
- *tarumbeta* (< trombeta), com um *a* epentético, outra origem possível é da palavra inglesa *trumpet* ;
- *tasa* (< taça), com uma modificação ortográfica ;

Um exemplo muito interessante é a substituição dos termos emprestados pelos neologismos à base de estruturas indígenas. Veja-se aqui o exemplo citado por Schadeberg[25], relacionado com jogar às cartas :

- port. espada > *shupaza* (termo tradicional) > *jembe* (termo usado actualmente em Dar es Salaam)
- port. copa > *kopa* > *moyo*
- port. ouro > *uru* > *kisu*
- port. pau > *pau* > *karanga*
- port. trunfu > *turufu* > *turufu*
- port. sete > *seti* > *jike*

Facilmente se nota que os termos tradicionais são empréstimos do português que fazem referência aos antigos padrões portugueses e à importância do número sete ainda visível num dos jogos portugueses, o que pode levar à conclusão que o jogo às cartas foi introduzido na África Oriental pelos portugueses durante a sua presença, desde os meados do séc. XVI até os finais do séc. XVII.

Além disso, Rzewuski[26] põe em realce a importância dos chamados empréstimos portugueses indirectos, inter-africanos, ou seja,

---

[25] T. Schadeberg, *Historical Inferences from Swahili Etymologies*, [on-line], www.orient.uw.edu.pl/web-kjika/images/stories/Testimonies/12_schadeberg.pdf

[26] E. Rzewuski, *op. cit.*, p. 216.

palavras portuguesas assimiladas, introduzidas em línguas africanas através de outras línguas africanas. Este fenómeno pode-se observar por exemplo nas línguas moçambicanas meridionais onde os empréstimos portugueses são mais recentes. Assim, podemos distinguir dois grupos de empréstimos portugueses no suaíli. O primeiro grupo é formado pelos mais antigos introduzidos como efeito do contacto suaíli-português no século XVI e nos séculos posteriores quando, mesmo depois de os portugueses terem sido expulsos da grande parte da costa suaíli, as duas línguas concorriam como línguas veiculares do Índico Oriental. Como afirma Valkhoff[27], aqui não se pode ignorar o possível desenvolvimento de um pidgin comercial à base do português, árabe e suaíli, posteriormente extinto. O outro grupo seriam os empréstimos mais recentes e o caso do kimwani, um dialecto do suaíli falado nas ilhas de Querimba, Ibo e na faixa costeira do distrito de Cabo Delgado que incorporou muitos empréstimos portugueses que não se registam nos dialectos não moçambicanos do suaíli[28].

Como se nota, então, vários séculos de contactos entre as duas culturas levaram à formação de uma realidade linguística extraordinária na costa oriental africana que fornece um material muito valioso para investigações mais pormenorizadas.

Summary

The main subject of the present article are the influences of the Portuguese culture and language on Swahili. The first part of the paper outlines the history of mutual contacts between the Portuguese and the inhabitants of the countries of East Africa since the end of the fifteenth century. In the second part we focus on the analysis of traces of influence of the Portuguese language, which can be seen today in the vocabulary the Swahili language.

---

27 A. Pires Prata, *op. cit.*, p. 34.

28 O kiamo, kimvita, kiunguja e kinrima também são considerados dialectos puros do suaíli.